



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/mundo-e-menino-travessias/>

## Mundo e menino: travessias poéticas de educação e cinema e...

Davi Henrique Correia de Codes[1]

**RESUMO:** O cinema de animação *O Menino e o Mundo* é o disparador deste ensaio. Quase sem diálogos e com palavras ilegíveis, o que temos são sonoridades e melodias. Uma composição que estimula a pensar nossa relação com os detalhes, com a natureza, com o outro e conosco, crianças-mundos, em constante movimento. O que pode ser ensaiado a respeito desses encontros? Formação em meio a ficção, alteridade, afetos, cultura, arte, ciência e ambiente e... Uma travessia poética de educação, realizada pelos pensamentos inspirados pelos Estudos Culturais e pela Filosofia da Diferença. Um convite-criança que olha para o ambiente com os olhos curiosos, capaz de apostar no brincar e no inventar de suas próprias relações, no imergir como quem deseja viajar. Arte e ciência como imagens inventadas, desenhadas, cambiantes. Proliferação incessante. O menino e o mundo como diferença e as escritas que dele emergem, ensaiadas como leitura/escuta/encontro da/na/com a imagem. Atravessa-se o mundo. Para partir, incompletude e desejo, tudo é oferta e mergulho, memórias, brincadeiras e riscos. Ao fim, chega-se sem concluir. Mundo e menino, em travessias poéticas para pensar a criação como derivação de criança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte. Ciência. Cinema. Imagem.

---

## Mundo y niño: travesías poéticas de educacion y cinema y...

**RESUMEN:** La película de animación *O Menino e o Mundo* es el detonante de este ensayo. Casi sin diálogos y con palabras ilegibles, lo que tenemos son sonidos y melodías. Una composición que no alienta a pensar en nuestra relación con los detalles, con la naturaleza, con el otro y con nosotros, niños-mundos, en constante movimiento. ¿Qué se puede ensayar sobre estos encuentros? Formación en medio de la ficción, la alteridad, los afectos, la cultura, el arte, la ciencia y el medio ambiente y... Una travesía poética de la educación, realizada por pensamientos inspirados en los Estudios Culturales y la Filosofía de la Diferencia. Una invitación-niño que mira alrededor con ojos curiosos, capaces de apostar por jugar e inventar sus propias relaciones, por sumergirse como quien quiere viajar. El arte y la ciencia como imágenes inventadas, dibujadas, cambiantes. Proliferación incesante. El niño y el mundo como diferencia y las escrituras que de ella emergen, ensayadas como lectura/escucha/encuentro de/en/con la imagen. Cruza el mundo. Para partir, incompletud y deseo, todo es oferta y buceo, recuerdos, juegos y riesgos. Al final, se llega sin concluir. Mundo y niño, en travesía poéticas para pensar la creación como derivación de un niño.



**PALABRAS CLAVE:** Arte. Ciencia. Cine. Imagen

---

[...] se observa que o visível pode ser escondido, mas que o invisível não esconde nada: pode ser conhecido ou ignorado, sem mais. Não cabe conferir ao invisível mais importância do que ao visível, ou inversamente.

Carta de René Magritte para Foucault (2014, p. 76)

A travessia que aqui é experimentada associa alguns encontros que acontecem entre cenários de ficção, de alteridade, de afetos, de cultura, de educação ambiental e... encontrando no interesse pelo olhar atento e escuta cautelosa das imagens, possibilidades outras de pensar a educação nessa interseção com o cinema. Mobilizam e desconcertam este corpo e algumas práticas de ensino em ciências, para em seguida, neste ensaio, rumar em direção mais a incertezas que a desfechos. Sendo assim, vale dizer que muitas cenas e signos se atravessam, poucas imagens se controlam, ainda menos palavras escritas se traduzem. Mas as viagens nunca são em vão, sempre resta algo, sempre há vida. O movimento aqui então, ganha maiores delineamentos teóricos e imaginativos por navegar junto a um cinema de animação, o filme brasileiro *O Menino e o Mundo*, lançado em 2013, concorrente ao Oscar de melhor animação do ano de 2016. Neste sentido, tendo esta obra como disparadora deste ensaio, objetiva-se experimentar criar variações outras nesta relação entre cinema e educação como travessias poéticas junto da/na/com imagens, e quem sabe, indicar desde este lugar, o criar como derivação de criança.

A escrita deste ensaio então, não se pretende definidora de sentidos da obra deste cinema. A priori, é preciso mencionar que à medida que houve a assistência e reprodução do filme, em suas repetidas ocasiões e contextos, percebeu-se que a cada pausa realizada para anotar uma observação ou reflexão, demarcava-se ali um instante-potência. Um instante para deglutir/saborear aquilo que tinha sido assistido. Um silêncio impregnado de encontro e de afetação. Um instante para escrever e criar rasuras no tempo, criar escritos/pensamentos, para ler aquilo que se pôs para fora desse corpo-alma já habitado e transformado pela experiência acometida. O que se lê, ali? Como se lê aquilo? O que quero dizer, a partir dessas pausas e silêncios, é que foram nessas ocasiões, nas quais o filme fora interrompido, que as imagens se reinventaram diante de mim, espectador com olhos



da Educação, e proliferaram outros sentires e pensamentos-cinemas na minha existência comum. Entre pausas, talvez já anunciando um estar infantil diante das imagens, é importante deixar proliferar, e assim deixar causar instantes.

As pausas geralmente alargam o universo. A terra respira com a humildade de um segundo, mais que com a pretenciosa invenção de toda a História. Ler é deter o tempo que nos designa para este mundo e impedir que a máquina utilitária do universo siga seu caminho de massacres. Ler é deixar de fazer ruído. Ler é apoiar o corpo em um tempo que não vivemos, para tentar vivê-lo. Ler é remover-se da tirania opaca de um único tempo. Ler é esse instante em que a conversa com os mortos se torna vida pura. Ler é a detenção que poderia fazer mais fundo o mundo. (Skliar, 2014, p. 23) [2]

Com este fragmento e fragmentado olhar diante do filme, atravessam-se imagens que irrompem da tela, alguns fotogramas até trazidos aqui neste ensaio, geminando entre as palavras escritas, imagens-sementes que dispensam legendas pois potencializam-se no não dito, mas compõem narrativas, denúncias, uma vida em risco, evocando-nos a olhar e buscar ler textos e contextos, versando impressões-encontros com cada possibilidade, até mesmo as mais ou menos utilitárias das aulas de ciências, um estar comum para mim, sobre um filme repleto de marcações ambientais. Ou ainda, de elementos investigados sobre as relações ambientais e o cinema, anos atrás já pesquisados por mim ao longo do mestrado[3]. Quanto disso tudo me habita, me contagia e mobiliza, e ainda carrego comigo até este momento, antes de experimentar outros modos de lidar com a vida? Não é preciso velar um olhar que busca relações, talvez domesticadas, acerca dos efeitos e dos conceitos capazes de serem articulados para pensar a formação. Mas é valioso assumir que opto trazer para meu cotidiano de investigação em educação, – e faço isso com o conforto de quem é povoado por inquietações – através dos pensamentos advindos dos estudos culturais e da filosofia da diferença para pensar a educação.



Ocasionalmente e porque valioso, experimentar a cultura e o ambiente a partir do cinema, isso no campo da/para a educação. Olhar como uma rica opção, este ou qualquer outro artefato cultural, como bem discutem Fernanda Ribeiro de Souza e Leandro Belinaso Guimarães (2013, p. 101), quando comentam que: “[...] no ensino de Ciências, os filmes apresentam um papel significativo na divulgação e disseminação de conceitos científicos [...]”, e já assim fazer germinar possibilidades, mesmo que direcionadas, para buscar expandi-las ao infinito do pensamento. Melhor ainda, se no



encontro com a criação de imagens inventadas, desenhadas, fantasmadas, e apostar arriscar na proliferação de sentidos incessantes no campo da ficção, por exemplo, como em contribuições trazidas nos escritos do filósofo francês Jacques Rancière (2009). Certa feita, sobre o campo/termo, ele aponta:

A ficção designa certo arranjo dos eventos, mas também designa a relação entre um mundo referencial e mundos alternativos. Isso não é uma questão de relação entre o real e o imaginário. Isso é questão de uma distribuição de capacidades de experiência sensorial, do que os indivíduos podem viver, o que podem experimentar e até que ponto vale a pena contar a outros seus sentimentos, gestos e comportamentos. (Rancière, 2010, p. 79)

Sendo assim, reconhece-se que no filme *O menino e o Mundo* isso é muito explorado, e é razão, quem sabe, para o encontro entre este cinema e meus pensamentos no campo da educação. O que



surge desse encontro são mais e mais caminhos a serem percorridos. Uma jornada entre cores, sonhos, formas, encontros e desencontros. O até então *artefato*, que nem mais precisa ser designado assim, foi capaz de disparar desconcertos e reflexões a própria compreensão de ambiente, de imagem, de alteridade,

de educação. Sendo vida, simplesmente me escolheu. O filme invade os sentidos com formas e sensações variadas e desperta o desejo de olhar uma vez mais, ou mais vezes se possível, para a potência das imagens que apresenta. Instaura em mim a pergunta: como radicalizar aquilo que Silvia Nogueira Chaves (2013) nos convoca a pensar e experimentar, como sendo uma reinvenção educativa através do reencantar da ciência? Para tentar responder, imprecisamente, deixar o ensaio compor-se e depois reunir vestígios.

O roteiro de antemão nos convida a pensar que o filme se baseia na trajetória de um menino. Este busca pelo seu pai que deixou a família para melhores condições de trabalho. Contudo, olhando mais atentamente, percebe-se que esse seria apenas um dos diferentes modos de se acionar lentes à leitura e interpretação das imagens, mundos que se abrem como invisíveis rastros de um encontro que não aconteceu, mas poderia! O filme antes revelar-se-ia como uma obra rica de possibilidades e de multiplicação de olhares. Mas como já dito, quem sabe, não tentar mais buscar.



Simplesmente deixar ir. Acompanhar a partida de um menino em uma viagem pelo imenso e desconhecido mundo, carregando apenas aquilo que lhe é possível carregar: uma fotografia da família e a doce lembrança das notas da flauta de seu pai. É lançado o convite para viajar junto. Um convite a uma jornada com riscos, mas atenta aos



detalhes visíveis aos olhos de uma criança e seu desejo por descobrir o que há além. No filme, quase sem diálogos e com palavras ilegíveis de seus personagens ou cenários, há uma floresta de sonoridades e melodias. Anima-se, ele evoca. Animem-se, tudo que habita o mundo, humano e além do humano, para confluir com a afirmativa emprestada do pensador Tim Ingold (2012, p. 32), quando afirma: “Em suma, não pode haver vida num mundo onde o céu e a terra não se misturam”, e assim as coisas vão tornando-se vida.

Sendo assim, o filme desenvolve-se para além da narrativa, uma incessante articulação que estimula a pensar nossa relação e estar/ser com os detalhes, com a natureza, com o outro e com nós mesmos, com o mínimo desse menino, com o passado, o presente e o futuro, enquanto crianças-mundos em constante movimento e sempre em busca das nossas canções favoritas: sol, lá, dó, lá, sol, mi, ré, fá, sol, fá, mi...

Através deste guiar-se pelas melodias que nos carregam para os mundos, permito-me compor também algumas linhas de uma travessia poética e ficcional:

Entre passos, tropeços, esbarradas e sufocos, transito e transbordo no céu de pouco ar. Vejo a sombra que o prédio alto e velho prédio faz no chão asfaltado, rente a outros tantos que me cercam neste caminhar. Pensava e caminhava a passos duros e em descompasso com o comum trote de quem o ultrapassa nessa multidão. Sentia-me estranho, parecia-me tudo tão grande que ali, sujeito, sozinho, sorrindo bobamente para o que me surpreendia, sentia-me menor, sentia-me menino. Nem por isso parei, mesmo lentamente, continuei. É muita coisa estranha, bonita, eu diria, sem explicação ou conhecida melodia, mas ruidosa, desritmada e acelerada cantoria, de metais, de pedras e de gritarias, nesse novo mundo que hoje acredito não viver em meu dia a dia. Segui abobado, menino seco de certezas deste novo estar, não paro em nenhum momento para fixar o olhar, já que muito rápido era o efeito do novo que me atraía. Depois de dois minutos vi-me cansado, de pescoço doído e pés queimados, falta de ar e cabeça quente e latejante de tentar lembrar naquele instante o que de fato fazia ali, na cidade grande.[4]



Um mundo de possibilidades e imprecisões, porque talvez seja assim nas relações entre ciência, vida e educação e... com a dúvida nos movemos. Dispensar certezas que nos imobilizam. A incerteza que nos motiva e propicia encontrar outras coisas, outros detalhes, outros modos de estar no mundo, outros olhares, outros mundos diferentes do já antes conhecido, alargar este mundo, vivenciá-lo uma vez mais e de novo.

Acaso um fragmento seja o todo. A ponta menos clara de uma nuvem, por exemplo. O pedaço de uma palavra que ainda sem o vocábulo já se reconhece por sua voz. Viver, assim, de remendo em remendo com pequeníssimos passos e respiração de lua. O resto é o que devemos fazer independente de nossas precauções: dar conta de um mundo que é e que não é nosso. Um desejo é estar em cima de uma montanha e ver toda a cidade que se move sem nós. Como se o amor fosse o olhar que nos permite fugir desta pergunta incompreensível que é o mundo nos obrigando: esse instante em que a vida está aqui e todo o resto em nenhum outro lugar. (Skliar, 2014, p. 24)

Um fragmento textual tão potente quanto a composição que é expressa pelo filme. Palavras sonoramente ilegíveis que podem ser compreendidas se sentidas. Respirações de lua a cada nova



chegada ansiosa de um menino-desejo. Duas luas no céu de um mesmo mundo. Um desejo de estar em cima de uma montanha, seja ela um morro na cidade fictícia do filme, seja ela nos morros da cidade de Florianópolis-SC, onde eu atualmente habito. Ver daqui e de lá, um mundo que se move sem mim. “Como se o amor fosse o olhar...”.



Figura I: fotografia da cidade de Florianópolis, à noite, vista do morro conhecido como Alto do Pantanal.

Com amor, olho para o filme e crio pausas, dentro delas, escuta-se vindas de vários lugares da diferença e da alteridade, algumas curiosidades: “êxodo rural, em que ano ocorreu no Brasil?”; “Movimentos ambientalistas, em que ano se iniciam?”; “Qual a força artística dos movimentos ambientalistas no Brasil?”; “O menino se interessa pelas pequenas coisas, assim como Manoel de Barros. Ele se interessa pelos sons e pelas cores?”; “Há musicalidade nas coisas?”; “O colorido pode representar a harmonia sonora da natureza?”; “Como é possível andar nas nuvens?”; “O enredo do menino é uma lembrança?”; “Vejo o desejo de avistar o pai em tudo, será?”; “Relembrar das cenas, me faz lembrar o filme brasileiro *Mutum*, por quê?”, “A força que vem da flauta do pai, do meu pai que é professor de flauta, e do canto da mãe, da minha mãe que cantarola meu nome quando estou na sua casa, isso é real?”; “É em uma lata que ele guarda os afetos sonoros do tempo de criança?”; “Uma bagagem que contém apenas uma fotografia, por quê?”; “homens como máquinas, máquinas como animais?”; “Ser menino como ter desejos?”; “Descer do ônibus na última estação. Subir sozinho, tarde da noite numa imensa escadaria. Destino ao topo, ao céu, paisagem de luzes radiantes de uma cidade acordada em fragmentos de solidão. Chegar até a lata em que se vive. Comer um enlatado. Ter a companhia da vida de plantas que resistem em latas, junto contigo. Dormir diante das imagens que insistem em lhe mostrar o que se deve ser ou ter. Simplesmente dormir. Que bom poder dormir. Que bom dormir diante das imagens.”.

Para além do filme, uma travessia colorida pelo mundo. Pela experiência e experimentação de viver em contato com as coisas, as grandes e as pequenas, o encantamento e delicadeza em coexistência





com o resistir e reinventar. Estariam aí as maneiras de reencantar a ciência? A vida que irrompe mundo afora, faz-nos deixar família para trás, assim como eu deixei, em busca de outras expressões da vida. Assumir solidões e reconhecer-se capaz de produzir nossos próprios sons no mundo, sons da nossa própria flauta, que podem ser seguidos ou não, pelos demais sujeitos também em travessia.

O filme, ou o além dele, *O Menino e o Mundo*, faz-nos olhar para o desejo e para o momento do voltar. Voltar para algo que é e não é mais o mesmo. O voltar para o lugar da infância e o confronto entre expectativas e frustrações com esta vivência. O adentrar na ruína. A ruína que também constrói nossos modos de habitar o mundo. A ruína do tempo que guarda vestígios da vida, dos afetos, das memórias, dos sentidos, e faz renascer outras sensações, significações e lembranças. A chegada que faz lembrar a partida. A criança em nós, propulsora do criar.

Mundos, dentro e fora de um menino repleto de possibilidades de se relacionar com as coisas. O empenho em cuidar daquilo que é dado pelos pais. A semente. Ser semente. Cuidar de si, ser o presente dado a si mesmo. Partir e carregar tudo consigo, mesmo que apenas uma única coisa, mas carregar aquilo de belo para si, e fazer morada até mesmo na mais provisória das passagens/paisagens pelo/no mundo, como menciona Marielle Macé (p. 45) quando diz: “[...] trata-se, aqui, de reconhecer, nas barracas, lugares de uma vida cotidiana, tomada em sua duração, lugares onde vidas efetivamente se mantêm, onde corpos e almas efetivamente se experimentam.”

Afetos que se eternizam com o lembrar, e voltar para sua terra ou onde quer que a terra esteja, reconhecer o que nasce de novo, de novo e de novo. Um cinema que busca dialogar com a infância, com o ser e o tempo menino(a), pintado em cores de educação. A educação que se permite à meninice, e como um menino ou uma menina, ser a criança que olha para o ambiente com os olhos da descoberta, do brincar, do inventar suas próprias relações. Apesar



de em risco constante pelos desafios do imergir com a dedicação, delicadeza e esmero de quem deseja muitas descobertas, mesmo assim experimentar a ciência, experimentar a educação. Mundo e menino/a, em travessias poéticas constantes, reencantando a vida que insiste em pulsar.

## Bibliografia





CHAVES, Silvia Nogueira. **Reencantar a ciência, reinventar a docência**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013. (Coleção Contextos da Ciências)

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. Tradução Jorge Coli. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 88p.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

MACÉ, Marielle. **Siderar, considerar: Migrantes, formas de vida**. Tradução Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. 68p. (Coleção Por que política?; v1)

**MUTUM**. Direção de Sandra Kogut. Produção Glória Filmes. Brasil e França. Elenco: Thiago da Silva Mariz, Wallison Felipe Leal Barroso, João Miguel. 2007. DVD (95min). Baseado na novela “Campo Geral”, de João Guimarães Rosa.

**O MENINO E O MUNDO**. Direção de Alê Abreu. Produção Filme de Papel. Brasil. Elenco: Patricia Pichamone, Emicida, Vinicius Garcia, Felipe Zilse, Alê Abreu, Lu Horta, Marco Aurélio Campos, Cassius Romero. 2013. 85min.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível. Estética e Política**. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo : Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_ **O Efeito de realidade e a política da ficção**. Novos Estudos 86. Tradução de Carolina Santos. Março, 2010.

SKLIAR, Carlos. **Hablar con desconocidos**. Editorial Candaya S.L. Camí de l’Arboçar, 4 - Les Gunyoles 08793 Avinyonet del Penedès, Barcelona, 2014.

SOUZA, Fernanda R. ; GUIMARÃES, Leandro Belinaso . **Filmes nas salas de aula: as ciências em foco**. Textura, v. 28, p. 99-110, 2013.

*Recebido em: 25/04/2023*

*Aceito em: 15/05/2023*

---

[1] Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutorando em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE-Unicamp). Email: [davidecodes@gmail.com](mailto:davidecodes@gmail.com)



[2] Tradução livre.

[3] *Alter-imagens: Educação Ambiental entre cinema e pescadores*, dissertação de mestrado em Educação, na linha Educação e Comunicação, defendida em 2016, na UFSC.

[4] Prosa-poética autoral, intitulada *A cidade sequestra*.